




A CASA TOMBADA

Gisele dos Santos Gomes da Silva

CONSTRUINDO NARRATIVAS SOBRE AUTOFORMAR-SE NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES


São Paulo

2022



Resgatar, salvar do esquecimento alienado, as lembranças de nossa história pedagógica com nossos modelos, é entrar em diálogo crítico com nosso passado, podendo assim ajudar-nos, também, a entendê-lo, superá-lo, esquecer-lo, como ato consciente de quem perdoa. Muito diferente do estado de amnésia que se encontrava anteriormente. Perceber-se como fazedor de histórias, marcado por nosso inacabamento e finitude, ser dono de seu destino pedagógico, profissional e pessoal é crucial dentro do processo de formação desse sujeito pensante, autor e construtor de conhecimento.

(FREIRE, 2021, p.42 e 43)



AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, primeiramente a Deus por soprar dentro de meu ser a importância de viver uma vida de sentidos e significados no âmbito pessoal e profissional e me fazer lembrar dessa importância todos os dias quando eu estou diante de cada pessoa, estudante, educador, equipe gestora, família e colaborador.

Agradeço à mantenedora Renata Pereira Batista por me permitir vivenciar essa incompletude desejante em minha carreira. Desejante de novas conexões através de falas e escutas, de contato com a diversidade de formas de apresentar o pensar, de vivenciar, a partir da experiência com o meu grupo da pós-graduação, as singulares e diversidades do fazer pedagógico.

Agradeço a todos os professores que aqui estiveram no decorrer de um ano e meio de curso e que acrescentaram em minha bagagem palavras, frases, textos, metáforas, inspirações, referenciais e principalmente sonhos com asas.

Em especial, agradeço a minha professora leitora Maria Alice Proença por me acolher nesse processo tão complexo que é a sistematização e síntese das ideias, por intervir e encaminhar de forma humana e sábia os instrumentos necessários para a construção desse registro.



RESUMO

O objetivo deste trabalho é construir narrativas a partir de relatos de experiências que estão sendo constituídos na ação coordenadora e que venho descobrindo na pausa, no silêncio e no distanciamento a potência da autoformação e do autogovernar-se do Coordenador Pedagógico. Nesta transição de função venho me provocando com algumas questões: Dormi professora, acordei coordenadora, e agora? Como redirecionar o olhar, a escuta, a fala e encaminhamentos em função da formação de professores? Cartografo esse processo? Como? Quais instrumentos utilizo? E quais pistas me fornecem? É nessa busca de olhares e escuta pensantes que investigarei em meus registros, vivências e memórias.



Antes de iniciar esse percurso de escrita, acredito ser importante materializar a estrutura do trabalho, ou seja, as ideias centrais que estão internalizadas e que embasam todo o repertório. Diante de tantas possibilidades de narrativas e registros, se fez necessário direcionar o olhar, eleger episódios, cartografar os passos a fim de que o corpo do trabalho pudesse ser desenhado e definido a partir de escolhas.

Nos encontros de orientação que meu grupo e eu tivemos com a professora leitora Maria Alice Proença, fomos provocados a pensar e estruturar em síntese as nossas ideias através de mapas conceituais. Confesso que não foi uma tarefa simples, ainda mais quando estamos inundados de vozes e falas que dialogam com o nosso caminho investigativo. Mas, a pausa pensada e alinhavada me fez chegar no resultado que compartilho nas figuras 1 e 2 abaixo.

Figura 1. Mapa conceitual – uma bússola norteadora de caminhos para minimizar fugas nos pensamentos.



Figura 2. Mapa conceitual – marcas literárias materializadas em palavras.



O CONVITE - encontros e reencontros

Evocar o momento em que fui convidada a assumir a Coordenação Pedagógica, hoje me faz pensar que diante de mim apresentava-se uma grande oportunidade de expandir meus conhecimentos, minha profissão e carreira. Mas, confesso que não foi fácil dizer um sim imediato porque estava enraizada com a docência e sala de aula. Questionava-me por que naquele momento? Pois acreditava que ele chegaria depois de muitos anos de experiência.

Com o passar do tempo fui percebendo que o fato de ter dormido professora e acordado coordenadora suscitou em mim a gestação de novos deslocamentos que inicialmente não sabia ao certo por onde e como começar.

Foi então que resgatei momentos vividos e logo me recordei do curso sobre Desafios Atuais da Coordenação Pedagógica ministrado pela Professora Dra. Rosaura Soligo que participei em 2018 quando era auxiliar de coordenação (recém chegada). Ainda tímida naquele espaço de tanta potência fiz os meus registros, participei de discussões, mas o discurso da professora Rosaura regido de palavras que atravessavam o meu pensar me marcou com profundidade, e mesmo que naquele momento eu não compreendesse muito sobre homologia de processos e dos demais assuntos que regiam a pauta, a experiência de estar naquele lugar me conectou com meu novo lugar. Professores e Coordenadores socializando os seus saberes, mapeando novas rotas e construindo um espaço cooperativo. Logo não me exitei em colocar na bagagem esse referencial. É como se tivesse recebido agulha e linha para alinhar o cotidiano escolar de formas variadas, mas sempre levando em consideração a realidade que se apresentava diante de mim.

Educação é descoberta, é busca de caminhos pois nunca há um só, mas sim um específico para cada indivíduo.

Educação é prática, é fazer acontecer. Prática criativa, planejada, organizada, pensada e elaborada. Mas principalmente prática analisada, criticada, discutida e reconstruída.



Para Fátima, aprendemos fazendo, empreendendo, refazendo, reagindo, refletindo e questionando as rotinas, os roteiros. Educar é um ato de ousadia, é crescer, é desejo. Desejo de favorecer o outro, desejo de aprender também com o outro. Desejo de construir sem formatar, mas possibilitar que se tenha forma.


(CARVALHO, SONIA LÚCIA, 2008, P. 12)

ALINHAVO PRIMEIRO

O ano letivo de 2020 iniciou! E com ele todos os educadores também! Professores que carregavam em suas bagagens experiências e vivências, mas também a necessidade de serem acolhidos e escutados em suas inseguranças, desconfianças, competições, birras infantis, omissões, firmezas, impaciências, prepotências, fragilidades e mudez.

Hoje, em contato com minhas pautas, pensadas para atender a necessidade do primeiro semestre de 2020 e impulsionadas pelo contexto pandêmico, percebo o quanto a leitura do cenário e contexto foi fundamental para pensar caminhos. Em tempos de construção, desconstrução e reconstrução houve por necessidade convocar o conceito de avaliação para dialogar em tempo de pandemia. Educadores imersos em questões; Como ministrar minhas aulas sem a presença física dos estudantes? Quais recursos utilizar? Como avaliar? Como engajar? Era; como? como? como? sem fim! Nesse momento, foi indispensável a pausa e com ela o eco do silêncio para entendermos que não se tinha receita pronta e que a importância de aprofundar o olhar para o que de fato se produzia no espaço escola era um caminho possível de investigação, testagem e constatação.

A equipe foi provocada a olhar com profundidade para o processo e registrar o percurso de aprendizagem do estudante se desvinculando do resultado final. Perguntas como De que lugar eu avalio? O que eu avalio? Para que eu avalio? Onde minha avaliação conduz o estudante? Para onde a minha avaliação conduz minha prática? possibilitou dados para entender junto aos educadores e gestão qual o ponto de alinhavo que possibilitaria a forma. A



partir disso convoco os parceiros teóricos e pequenos recortes tomam conta das pautas formativas para reflexão.

Na pauta do mês de fevereiro de 2020 foi realizado um feedback sobre os relatórios de atividade avaliativa mensal elaborado pelos professores de cada disciplina e com ela a reflexão sobre o trecho em destaque:

A reflexão sobre a ação geralmente se refere a pensar em como será e como foi seu desempenho, avançando para frente e para trás. No ensino, isso costuma corresponder a planejar uma aula e conduzi-la e, em seguida, avaliar a aula e o seu sucesso. A avaliação deve levar a ideia sobre como melhorar suas ações no futuro; portanto retroceder para o avanço. A reflexão na ação é caracterizada por pensar na hora, ou seja, enquanto você está participando da ação. No ensino, isso frequentemente corresponde o pausar uma aula para verificar a compreensão e a aprendizagem dos alunos, bem como se os métodos utilizados estão levando na direção certa ou se é preciso tentar algo diferente.

(HARTMAN, 2015, P. 14)

Esse movimento de pensar na e sobre a ação possibilitou a leitura de camadas no processo de aprendizagem do professor salvando do abismo a importância do ato da reflexão antes, durante e depois de sua prática. Era como se fosse lançada luz a cada etapa desse trajeto trazendo à tona consciência e visibilidade à ação pedagógica. Nessa troca de olhares e escuta, eu me constituo no grupo e o grupo se constitui em mim. E é nas palavras do poema de Madalena Freire (2021) que me permito viver essa afirmação.

EU NÃO SOU VOCÊ. VOCÊ NÃO É EU

Eu não sou você. Você não é eu.

Mas sei muito de mim vivendo com você.

E você, sabe muito de você vivendo comigo?

Eu não sou você. Você não é eu.

Mas encontrei comigo e me vi

Enquanto olhava pra você

Na sua, minha, insegurança

Na sua, minha, desconfiança



Na sua, minha, competição
Na sua, minha, birra infantil
Na sua, minha, omissão
Na sua, minha, firmeza
Na sua, minha, impaciência
Na sua, minha, prepotência
Na sua, minha, fragilidade doce
Na sua, minha, nudez aterrorizada
E você se encontrou e se viu, enquanto olhava para mim?
Eu não sou você. Você não é eu.
Mas sou mais eu, quando consigo
Lhe ver, porque me reflete
No que ainda sou
No que já sou e
No que quero vir a ser...
Eu não sou você
Você não é eu.
Mas somos um grupo, enquanto somos capazes de, diferenciadamente,
Eu ser eu, vivendo com você e você ser mais você, vivendo comigo.

(FREIRE, 2021, P. 95)

ALINHAVO SEGUNDO

Na sequência, a pauta do mês de março de 2020 convidou o pensar do professor para o processo de recuperação contínua, trazendo o Diário de Classe como um instrumento potente para evidenciar avanços e retrocessos da aprendizagem dos estudantes desde que o campo avaliação trouxesse informações minuciosas, como por exemplo, o que foi assimilado, quais são as dificuldades e por que? E o registros das intervenções no processo de ensino e aprendizagem.

Na pauta foi destacado o seguinte dizer: *“O Diário online é um instrumento para ser registrado em detalhes e revisitado sempre que necessário, principalmente no que se refere ao processo de recuperação contínua.”* E esse dizer foi de encontro com os objetivos do trabalho com o livro: Como se tornar um professor reflexivo em todas as áreas do conhecimento

escolhido para trabalhar com a equipe por área de conhecimento do autor Hope J. Hartman (2015).

Os objetivos em destaque eram: promover a prática do ensino e da aprendizagem reflexiva; desenvolver o hábito de se questionar, questionar os estudantes e orientar a prática do estudo e da avaliação reflexiva da aprendizagem tanto para os estudantes quanto para os educadores.

Nas palavras de Madalena Freire (2021) pensar envolve duvidar, perguntar, questionar. É uma maneira de investigar, pesquisar o mundo, as coisas.

Esse deslocamento de lugares e intenções quando feito com e pela equipe reverbera no fazer pedagógico individual e conseqüentemente na experiência de aprendizagem dos alunos. Esse pegar na mão e convidar o corpo do educador para juntos mapearmos as necessidades de um grupo fortalece a missão e o valor da instituição e principalmente incorpora a ideia de pertencimento nesse lugar.

Hoje, distante desse percurso consigo perceber um movimento, ainda que tímido, para a necessidade do registro como instrumento de investigação e a valorização da periodicidade do mesmo através do Diário de Classe, porém não com um olhar meramente burocrático como estávamos acostumados a vê-lo, mas com o olhar de quem se debruça para acompanhar o que acontece verdadeiramente no evento aula.

“A arte de ensinar é um dos desafios assumidos pelos educadores, que têm a seu favor alguns instrumentos metodológicos auxiliares no desenvolvimento de seu papel de professor, que apoiam a construção de uma prática pedagógica compromissada com aprendizagens significativas pessoais e para o grupo com o qual o professor/educador trabalha.”

(PROENÇA, 2018, P.44)

ALINHAVO TERCEIRO

Devido a todo contexto pandêmico, no mês de abril de 2020, foi necessário realizar uma pausa atribuindo férias antecipada à equipe a fim de que pudéssemos reestruturar os próximos passos do fazer pedagógico.

Em maio de 2020 retornamos com as nossas ações e foi socializado com a equipe o instrumento chamado Roteiro de estudos para ajudá-los na sistematização do planejamento e para que fosse visualizado pelos estudantes que estavam acompanhando as aulas de forma síncrona e assíncrona, familiares, equipe gestora e pelos próprios professores sempre que necessário.

Esta ferramenta solicitava a descrição dos conteúdos privilegiados, os objetivos da proposta, as habilidades primordiais, as estratégias, os recursos, a avaliação e instrumentos para o acompanhamento da aprendizagem. Como consta na figura 3 abaixo.

Figura 3. Roteiro de estudos – materializando o fazer pedagógico.

Organização Semanal dos Estudos e Atividades .			
Componente Curricular:	1º Anos do Ensino Médio Quantidade de Aulas na Semanal:	Professor Responsável:	
Conteúdos Privilegiados	Objetivo (Para que?)	Habilidades primordiais	Estratégias - Desenvolvimento das atividades - Tempo previsto para cada atividade
Recursos Remotos e físicos	Avaliação Formative - Descrição dos instrumentos para verificação da aprendizagem.		

Com esse mapa em mãos, a socialização da prática e o feedback sobre o pensado, o planejado e o realizado se materializava em camadas que ora necessitava de retrocessos, ora de mais detalhes, ora de conexões, mas tudo isso só era possível ser visto e discutido a partir da disposição para a elaboração do instrumento e momentos de distanciamento para pensarmos (professor e coordenador) de um outro lugar. Lugar de quem analisa, interpreta e avalia o tempo vivido.

O registro, numa concepção democrática de educação, é considerado como instrumento metodológico de trabalho do educador. Tal instrumento tem capacidade de congelar a vivência da situação permitindo uma volta a ela numa temporalidade outra que não a seu acontecer real temporal. Essa volta é como se congelássemos a situação vivida para saber com maior precisão sobre os momentos que a constituíram naquele então quando foi vivida.

(DOWBOR, 2008, P.70)

Foi essa palavra, essa palavra pausa que gerou em mim um encantamento e despertou diante de meus olhos possíveis caminhos para fazer ciência na educação. Trago na memória o diálogo com um professor da equipe docente que me ajudou a olhar para a força do significado que ela tem. O discurso do professor dizia: *“Gisele, como é importante momentos como este (formação individual) para me ajudar a pensar sobre a minha aula, porque quando estou nela eu não percebo tudo isso.”*

[...]

Quero tempo meu

Para pensar

Mais de perto

Longe, nos outros

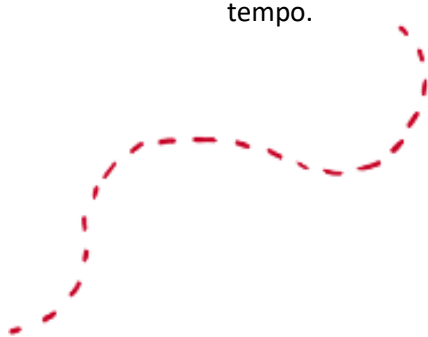
Dentro de mim.

(FREIRE, 2001, P.39)

ALINHAVO QUARTO

Em contato com a pauta de junho de 2020 reconheci a necessidade de escutar de forma individual a todos, permitindo que compartilhassem suas angústias em relação a falta de tempo diante de um novo cenário que pedia diferentes olhares, escutas e encaminhamentos.

A cada fala dos educadores se constituía em minha mente um mapa com diferentes rotas, pois a leitura que fui realizando me fazia entender que para alguns a mudança não causava estranhamento, mas para outros era necessário um tempo maior para assimilar esse novo tempo.



O momento exigia do educador pensar na gestão de seu próprio tempo. Tempo para refletir, planejar e testar as atividades realizadas dentro das ferramentas google, tempo para conhecer e manusear a plataforma educacional digital, a agenda virtual para estabelecer uma comunicação com os estudantes, pais e responsáveis sempre que necessário. E nesse movimento de construir, desconstruir e reconstruir fomos caminhando, mediados pelo acolhimento e escuta, no decorrer de todo o segundo semestre de 2020.

Madalena Freire escreveu um texto em diz:

Mudar

Toda mudança acontece num processo de pequenas e grandes descobertas.

Toda mudança acontece num processo de pequenos e grandes clarões de consciência.

Toda mudança acontece dentro de um ritmo individual e coletivo.

Toda mudança acontece em pequenos e grandes sustos de ansiedade e agonia.

Toda mudança acontece num clima de trabalho de parto, contrações, respirações ofegantes e por fim, alívio das dores: com o nascimento do sujeito pensante assumindo-se.

Toda mudança acontece na briga entre o velho e o novo.

Toda mudança acontece fazendo-se, e ao mesmo tempo, esperando-se pelo produto do amanhã, que começa fragilmente a dar sinais hoje.

Para que a mudança possa ser construída é necessário não assustar demais seus atores... Para cada encontro, um planejamento delimitado, do que se quer e se pode "atacar". Outros tantos ficarão para os próximos...

Para que a mudança possa ser construída tem-se que garantir o clima de respeito e generosidade para o processo de aprendizagem de cada um.

Para que a mudança possa ser construída é necessário fé na capacidade de todos aprenderem, crescerem.

Para que a mudança possa ser construída é necessário ir devagar com o novo...

Caso contrário a "muralha" d resistência será erguida. Não basta dizer o que deve fazer, mas convencer os outros no que eles devem procurar fazer. Por isso é uma construção e não simplesmente uma reprodução obediente por parte do outro.

Para que a mudança possa ser construída é necessário enfrentar o medo, os fantasmas (ciclones, camelo albino, ondas gigantescas, tsunamis e outros que não estouram dinossauros tartarugas que voam, trovoadas), correndo riscos de queda, mas sabendo que o medo é termômetro do embate do velho com o novo.

Para que a mudança possa ser construída é necessário muita, muita paciência pra vivermos o dia a dia, aula a aula, “vida a vida”.

A cada dia, a cada aula, há um produto, não ainda o que queremos alcançar, mas o que é possível, real, para aquele momento do processo.

Paciência, Tolerância, Fé, Esperança são elementos fundamentais para a construção da mudança.

Paciência e Tolerância com as próprias dúvidas, inseguranças, agonias e ansiedades.

Fé na própria capacidade, competência, e na dos outros.

Esperança na construção da espera, encarando-a no tempo do cotidiano, fazendo e refletindo, permanentemente, sobre as quedas da atenção, concentração, rigor, apostando que a luta valer a pena.

Construir a esperança “esperançando” exige ter e dar tempo ao tempo para que “algo nos aconteça, nos toque!”, para que vivamos experiências únicas, para sermos levados, conscientes e plenos, pela vida, na construção e gestão do sonho que se faz hoje.

(FREIRE, 2021, P. 185-187)

ALINHAVO QUINTO

O ano de 2021 para mim foi um divisor de águas, pois diante de minhas pautas anteriores, dos diálogos estabelecidos com a equipe gestora e das formações que me permitia vivenciar fui evidenciando o teor de meus registros e conclui que eu precisava caminhar cada vez mais para a pauta reflexiva e me distanciar um pouco das pautas prescritivas, pois são as reflexões que brotam em cada ser pensando que geram significados para o que se faz e constrói. Compartilho registros que nasceram com o meu grupo de educadores a partir das provocações realizadas na pauta reflexiva e que tinha como finalidade extrair e não meramente dizer como podemos observar na figura 4 e 5.

É importante destacar que o registro abaixo não é um conjunto de perguntas e respostas, mas que em diálogo com a concepção teórica, mediado por uma metodologia e refletido em conjunto com o educador esse registro traz consciência na intencionalidade pedagógica.

Figura 4. Pauta reflexiva que trouxe como texto base: As posturas pedagógicas do educar e a provocação para o seu reconhecimento ou não e por que a partir delas.

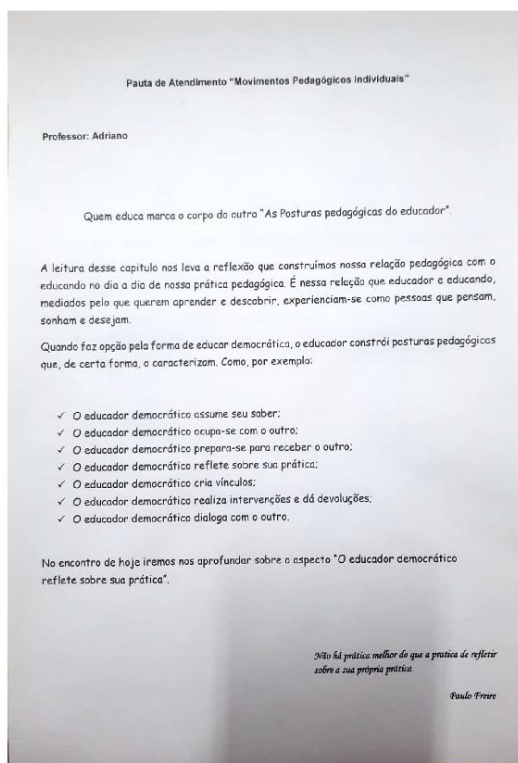
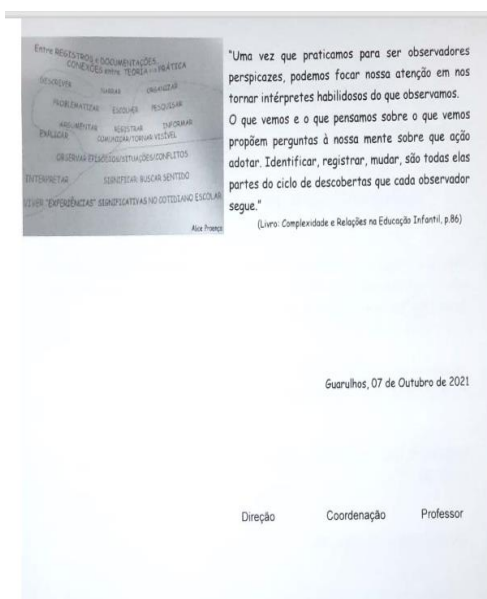
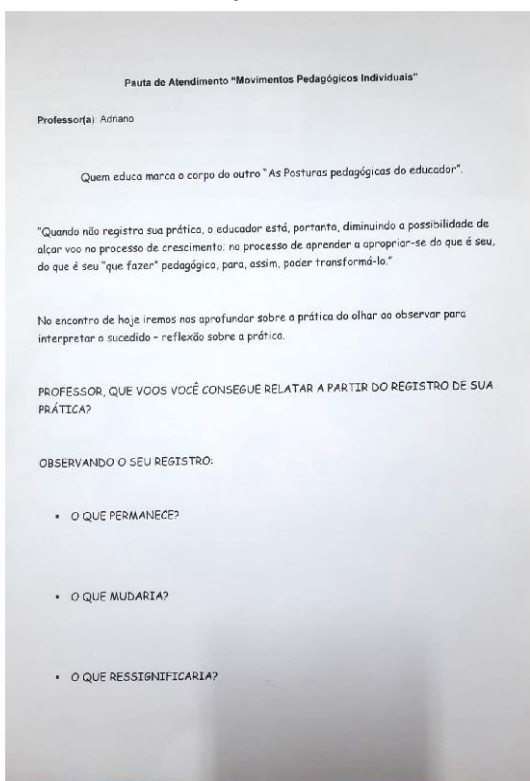


Figura 5. Pauta reflexiva – a partir de uma prática registrada e distante dela, o educador pôde refletir sobre sua ação.



A nuvem de palavra abaixo é a representatividade desse movimento reflexivo que respeita o fazer individual de cada educador e valoriza as suas impressões acerca do que está sendo constituído: a importância de registrar a sua prática autoral e assim possibilitar fazer ciência na educação.

Figura 6. Nuvem de palavra construída por dezessete educadores.

Professor, prática registrada para você é...

Mentimeter



17

É para este lugar pensante, analítico, reflexivo, provocativo e metacognitivo que estamos caminhando como grupo e nas as idas e vindas desse balanço me faz pensar nas palavras contidas na obra da professora Maria Alice Proença (2021) *“toda as vezes em que um adulto fizer por uma criança o já tenha condições de fazer sozinha, irá privá-la de aprender .”* Todas as vezes que eu em quanto Coordenadora Pedagógica fizer para um educador o que já tenha condições de fazer sozinho estarei privando de seu aprendizado.

Diante desse processo, observo o corpo do educador sendo marcado pelas reflexões e insights e transbordando no movimento do fazer pedagógico ora em seus planejamentos, ora em suas ações, ora nas retomadas, ora reconstrução do saber e fazer educação de forma autoral levando em consideração o contexto em que está inserido e principalmente que produz como prática e dia a dia de sala de aula. E é para este lugar que desejo continuar caminhando, aprendendo, me construindo a fim de que toda a reflexão gerada dentro e fora de mim me conduza a lugares de transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alinhavos aqui tecidos foram eleitos como foco do direcionamento de minha lupa, mas a dimensão de alinhavos constituídos no chão de escola são imensuráveis, pois nesse lugar cada dia é único e é feito por gente, como diz a educadora Rosaura Soligo: *“Todo professor mora dentro de uma pessoa. Todo aluno mora também. E só essa consciência amorosa poderá salvar a escola. Ainda mais agora, neste tempo em que vivemos.”*

Poder congelar o tempo vivido e retomá-lo através dos registros construídos me possibilitou passar por lugares, não como mera visitante, mas como quem tem em mãos a oportunidade de redesenhar, repintar, regravar e reescrever passos, rotas, histórias e memórias.

E descobrir na caminhada que os sentidos apurados e direcionados são potentes instrumentos para a construção do fazer pedagógico me atravessou como educadora e formadora, pois é na escuta ativa, no olhar pensante, na observação apurada que ato de cartografar vai estabelecendo formas, marcando territórios, indicando as coordenadas a fim de representar uma superfície que necessita ser analisada e interpretada.

O voo que me impulsionou à Coordenação Pedagógica foi um marco e um divisor de histórias, mas o sobrevoo que venho me permitindo sentir e vivenciar está sendo ainda mais emocionante pelo fato de poder explorar todos os dias um cenário único e ao mesmo tempo plural.

Do alto desse sobrevoo, me desafio registrar os caminhos por onde passo e no momento pensado pouso em diferentes lugares; na sala de aula, nos corredores, no quintal. Pauso o voo para dialogar, trocar olhares e experiências com os educadores, para escutar e transformar em caminhos as possibilidades encontradas, para socializar com as famílias o percurso e momentos vividos, para pensar com toda a equipe gestora o que manteremos, o que mudaremos e o que transformaremos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOWBOR, Fátima Freire. Quem educa marca o corpo do outro; organizadoras Sonia Lúcia de Carvalho, Deise Aparecida Luppi. - 2. ed - São Paulo: Cortez, 2008.

PROENÇA, Maria Alice. Prática docente: a abordagem de Reggio Emília e o trabalho com projetos, portfólios e redes formativas. 1. ed, - São Paulo: Panda Educação, 2018.

PROENÇA, Maria Alice. O registro e a documentação pedagógica: entre o real e o ideal... o possível. 1. ed, - São Paulo: Panda Educação, 2021.

FREIRE, Madalena. Educador, educa a dor. 7ª ed. - Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HARTMAN, Hope J. Como ser um professor reflexivo em todas as áreas do conhecimento. Porto Alegre: AMGH, 2015.

